



Abeirando-se do misticismo do “mundo perdido”: nas trilhas do Monte Roraima

César Teixeira Castilho 

Professor Adjunto da EEEFTO da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL-UFMG); Professor Visitante da Université de Paris-Sud (Paris 11) - Mestrado "Management du Sport: Politiques Publiques et Stratégies des Organisations"; Pós-Doutor "Estudos do Lazer" (EEFFTO-UFMG); Pós-Doutor "Sociologia" (UFPR); Doutor em "Sciences du Sport et du Mouvement Humain" (Université de Paris 11); Mestrado em Teorias do Lazer (EEFFTO-UFMG); Especialização em "Fisiologia do Exercício" (FM-USP); Aperfeiçoamento em "Reabilitação Cardíaca" (EEFE-USP); Graduação Plena em Educação Física (EEFFTO-UFMG); Pesquisas voltadas para a Saúde Coletiva; Geopolítica do Esporte; Psicologia do Esporte; Estudos do Lazer; Sociologia e Antropologia do Esporte; Metodologia Científica Qualitativa.

Email: castcesarster@gmail.com

Introdução

O Monte Roraima é uma montanha localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Trata-se de uma das montanhas mais antigas do mundo e sua altitude é de 2.810 metros. Sua paisagem exuberante e única atrai aventureiros e turistas de todo o mundo, além de ser um local sagrado para os povos indígenas da região, sobretudo o povo Pemón. (Guilherme, 2008; Oliveira, 2002)

O Roraima é uma formação rochosa do tipo tepui. Tais formações possuem características típicas, como: topo plano, paredes verticais e inúmeras nascentes. São compostos principalmente por rochas sedimentares e têm uma idade geológica estimada em cerca de dois bilhões de anos. Essas montanhas são extremamente importantes para a região em termos de biodiversidade, abrigando uma grande variedade de espécies endêmicas. (Oliveira, 2002; Salgado-Labouriau, 1998).

A comunidade Pemón habita há séculos nas proximidades do Roraima e mantém uma relação íntima com a montanha. A rocha é considerada a casa dos espíritos, um lugar onde é possível se comunicar com os deuses e ancestrais. Sua história e suas lendas são passadas de geração em geração, através de suas tradições orais e rituais sagrados. Acredita-se que a montanha é habitada por seres sobrenaturais, como os Mawari, espíritos guardiões da floresta, e os Yuruparí, espíritos dos antepassados. (Oliveira, 2002).

Para os Pemón, o Roraima é um lugar de peregrinação e culto. Realizam-se rituais sagrados no topo da montanha, oferecendo presentes e pedindo proteção e bênçãos aos deuses e espíritos. Ademais, a montanha também é utilizada para a coleta de plantas medicinais e para a caça, atividades essenciais para a sobrevivência da comunidade.

Ao lado do Roraima encontra-se o Kukenan, formação não menos imponente. Kukenan é visto como o irmão mais novo do Roraima e possui relevância mística considerável. De acordo com as lendas da comunidade, o Kukenan é habitado por um espírito feminino poderoso, chamado de “Mãe do Mundo”. Nas suas encostas formam-se de maneira perene cachoeiras colossais, entre elas, a quarta queda mais alta do mundo já documentada.

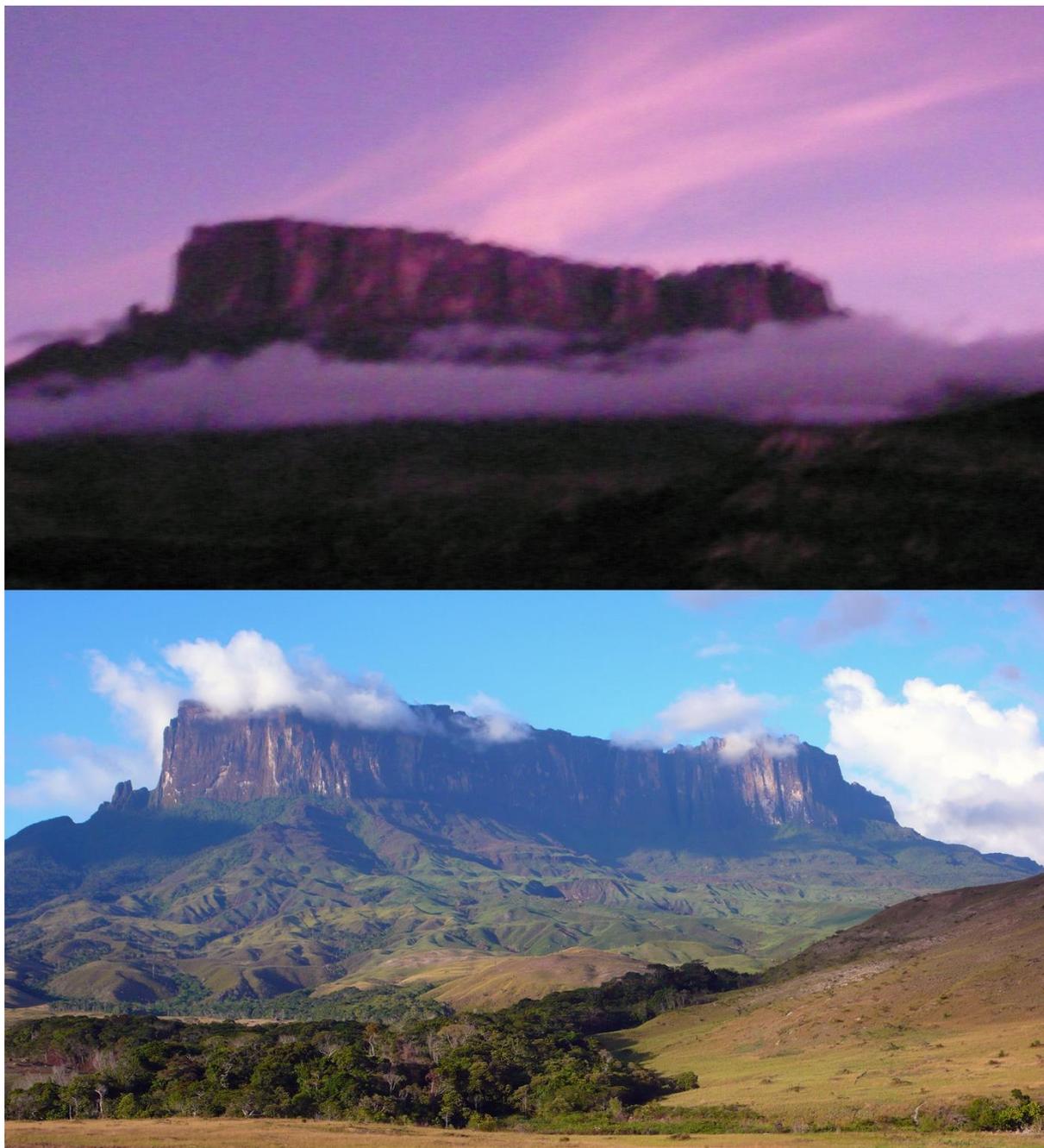
Para além dos aspectos descritos, o Roraima tem uma ligação interessante com a literatura e, em especial, com o autor britânico Arthur Conan Doyle. Em 1882, Doyle foi contratado como médico de bordo de um navio que viajou pela América do Sul. Durante essa viagem, ele visitou a região do Monte Roraima e ficou impressionado com a paisagem e a história da montanha. Ele anotou suas impressões em seu diário de viagem, descrevendo o local como "uma das coisas mais estranhas e maravilhosas do

mundo". Mais tarde, em 1912, Doyle publicou o livro "O Mundo Perdido", que conta a história de uma expedição que se aventura em uma montanha isolada na Amazônia em busca de dinossauros vivos. Embora a montanha descrita no livro seja fictícia, muitos acreditam que o Monte Roraima serviu como inspiração para o autor. (Doyle, 2019)

As imagens que compõem este ensaio foram selecionadas de um conjunto de fotografias capturadas ao longo de três expedições etnográficas no Monte Roraima, nos anos de 2009, 2011 e 2018. Foram experiências únicas que buscam analisar práticas de lazer na natureza em territórios indígenas, vislumbrando sobretudo descrever a relação dos povos tradicionais com sua ancestralidade territorial e seus possíveis conflitos e disputas com as práticas de turismo ostensivo.



Figuras 1 e 2: Acampamento base 1 - estruturas, organização e paisagem. César Castilho, 2011.



Figuras 3 e 4: Monte Kukenan - foto noturna (superior) e Monte Kukenan - foto diurna (inferior). César Castilho, 2009.



Figuras 5 e 6: Natureza única e endêmica no topo do Monte Roraima. César Castilho, 2018.



Figuras 7 e 8: Paisagem lunar do Monte Roraima e suas formas (rochas) imaginárias. César Castilho, 2018.

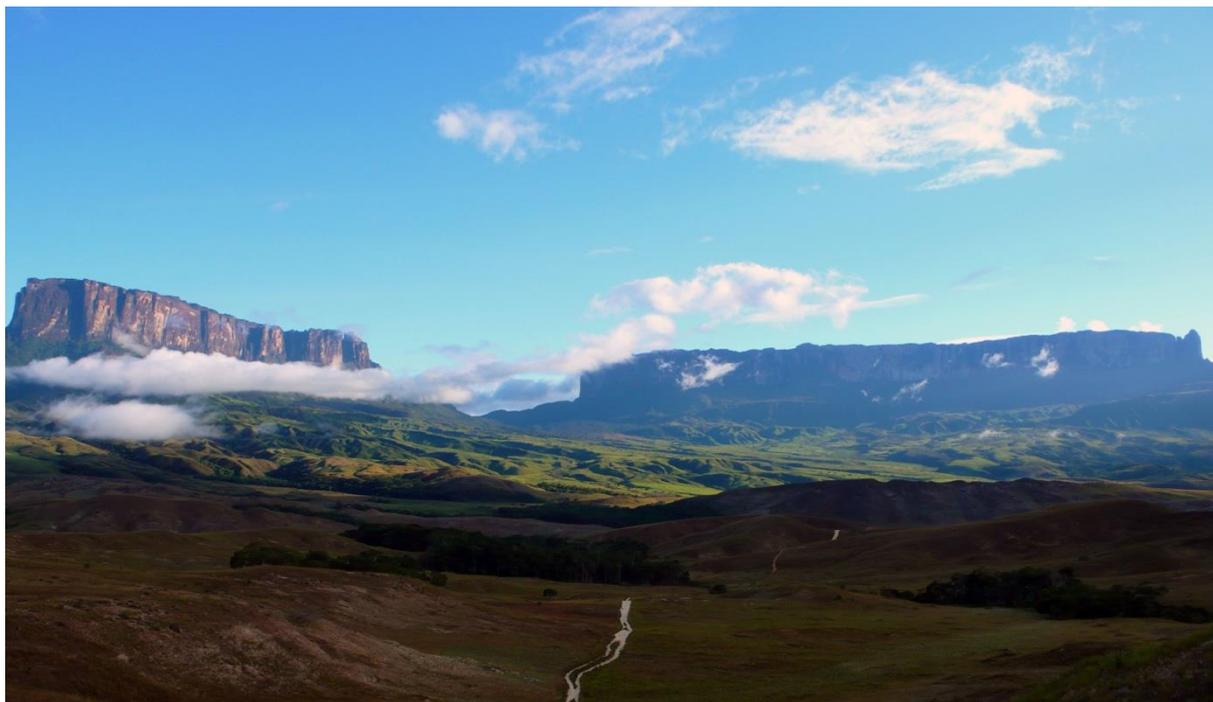


Figura 9: Monte Roraima (à direita) e seu irmão mais novo, Kukenan (à esquerda). César Castilho, 2009.



Figura 10: Ponto triplo - fronteira entre Venezuela, Brasil e Guiana. César Castilho, 2011.

Referências

DOYLE, A. C. O mundo perdido. Editora: Principis, 2019, 240p.

GUILHERME, A. M. Roraima, o ponto mais alto do Brasil. IBEP Nacional, 2008.

OLIVEIRA, J. P. Pemón: Povo Indígena do Parque Nacional Canaima. Funai, 2002.

SALGADO-LABOURIAU, M. L. Geologia do Parque Nacional do Monte Roraima. Sociedade Brasileira de Geologia, 1998.